

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

2



Edwaldo Costa
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

2



Edwaldo Costa
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Edwaldo Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T689 Torre de Babel: créditos e poderes da comunicação 2 /
Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-871-7

DOI 10.22533/at.ed.717211103

1. Comunicação. 2. Mídia. I. Costa, Edwaldo
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A coleção Torre de Babel: Créditos e Poderes da Comunicação é apenas um breve panorama da produção e reflexão acadêmica na área, contemplando a produção de dois e-books, que reúnem não apenas as possibilidades que o campo da Comunicação ensina, mas também os desafios que se erigem na/da sociedade contemporânea, marcada pelo crescente processo de midiatização e conflitos de informação. Neste e-book 2, apresentamos 27 capítulos de 34 pesquisadores.

Na Bíblia, o Gênesis conta que “o mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras” (Gn 11,1). Os homens resolveram, porém, criar uma cidade com uma torre tão alta que chegaria a tocar o céu e os tornaria famosos e poderosos. Então Deus, para castigá-los, fez com que ninguém mais se entendesse e os homens passaram a falar línguas diferentes. Assim, os construtores da torre se dispersaram e a obra permaneceu inacabada. A diversidade das línguas surge como forma de evitar a centralização do poder. A cidade dessa história bíblica ficou conhecida como Babel, que significa “confusão”.

Muitos milênios depois, o homem se encontra enredado em múltiplas formas de comunicação, com línguas, códigos e dispositivos diversos, cada vez mais sofisticados e mais céleres. Todavia, a (in)compreensão das mensagens vem, assustadoramente, transformando-se, muitas vezes, na destruição da harmonia e da paz entre os homens. Mesmo com o avanço da tecnologia, a comunicação parece permanecer precária. A civilização ergue monumentos gigantescos, mas não é capaz de resolver conflitos básicos.

Trata-se de uma obra transdisciplinar que versa sobre comunicação, legislação, concentração de mídia no Brasil, políticas de comunicação, indústria fonográfica, campanha publicitária, atividade extensionista, produções audiovisuais, análise de vídeos, TV Excelsior, festivais de música popular, Série Elite, diversidade, cultura pop, jornalismo cultural, Filme Hebe, necropolítica, estética da ecopropaganda audiovisual, telenovelas de Benedito Ruy Barbosa, perfil do assessor de imprensa do interior de São Paulo, *trickster*, imaginário, humor, rádio paranaense, arte multidimensional, Nelson Leirner, *branding*, marketing de conteúdo, TV no Brasil, TV em Cabo Verde, TV em Portugal, programas infantis na TV Aberta, editoriais de obras espíritas, Revista TV Sul Programas, Superamigos, ficcionalidade nas telenovelas brasileiras, publicidade eleitoral, tabus da sexualidade feminina, regulamentação das rádios comunitárias, film-photo e debates internacionais que precederam o informe Macbride.

A ideia da coletânea é simples: propor análises e fomentar discussões sobre a comunicação a partir de diferentes pontos de vista: político, educacional, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição. Por fim, sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos a estrutura da Atena Editora,

capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para que estes pesquisadores exponham e divulguem seus resultados.

Edwaldo Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ESTRUTURA DISCURSIVA NARRATIVA APLICADA AO TEXTO PUBLICITÁRIO: POTENCIALIDADES E SUBVERSÕES NA VISÃO DE WALTER BENJAMIN	
<i>Marina Aparecida Espinosa Negri</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7172111031	
CAPÍTULO 2	16
A FUNCIONALIDADE DAS ESTRATÉGIAS CRIATIVAS BASEADAS EM HUMOR, IRONIA E DEBOCHE NOS ENUNCIADOS PUBLICITÁRIOS DA CONTEMPORANEIDADE	
<i>Marina Aparecida Espinosa Negri</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7172111032	
CAPÍTULO 3	33
LEGISLAÇÃO E CONCENTRAÇÃO DE MÍDIA NO BRASIL: TRÊS DÉCADAS DE POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO (1988-2018)	
<i>Vitor Pereira de Almeida</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7172111033	
CAPÍTULO 4	45
INDÚSTRIA FONOGRAFICA: O MERCADO DE MÚSICA NO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO XXI	
<i>Daniel Parente Nogueira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7172111034	
CAPÍTULO 5	56
CRIAÇÃO DE CAMPANHA PUBLICITÁRIA: INTEGRAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA POR MEIO DE ATIVIDADE EXTENSIONISTA	
<i>Andressa Deflon Rickli</i>	
<i>Layse Pereira Soares do Nascimento</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7172111035	
CAPÍTULO 6	64
A CRÍTICA POLÍTICO-SOCIAL EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS CONTEMPORÂNEAS: UMA ANÁLISE DOS VIDEOCLIPES DE LIA CLARK, GLÓRIA GROOVE, IZA E WANESSA CAMARGO	
<i>Luiz Guilherme de Brito Arduino</i>	
<i>Renata Maria Monteiro Stochero</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7172111036	
CAPÍTULO 7	79
A TV EXCELSIOR E AS COMPETIÇÕES MUSICAIS: OS FESTIVAIS DE MÚSICA POPULAR DE 1965 E 1966	
<i>Talita Souza Magnolo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7172111037	

CAPÍTULO 8	93
LEITURA CRÍTICA DA SÉRIE ELITE: UMA DISCUSSÃO SOBRE REPRESENTAÇÃO, SIGNIFICAÇÃO E DIVERSIDADE NA CULTURA POP	
Luiz Guilherme de Brito Arduino Vânia de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.7172111038	
CAPÍTULO 9	112
A VALORAÇÃO DO FILME HEBE EM REPORTAGENS DO JORNALISMO CULTURAL	
Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.7172111039	
CAPÍTULO 10	126
NECROPOLÍTICA E PRECARIIDADE NO GESTO DE FILMAR O LUTO DE CRISTIANO BURLAN	
Leandro Silva Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.71721110310	
CAPÍTULO 11	138
O FILME VERDE: PARA UMA ESTÉTICA DA ECOPROPAGANDA AUDIOVISUAL	
Francisco dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.71721110311	
CAPÍTULO 12	149
A ANÁLISE HISTÓRICA DO ESTILO TELEVISIVO E A CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS TELEVISUAIS PARA O TEMA DA TERRA, EM TELENÓVELAS DE BENEDITO RUY BARBOSA	
Reinaldo Maximiano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.71721110312	
CAPÍTULO 13	165
O PERFIL DO ASSESSOR DE IMPRENSA DO INTERIOR DE SÃO PAULO	
Ivana Laís da Silva Santana	
DOI 10.22533/at.ed.71721110313	
CAPÍTULO 14	188
O TRICKSTER EM SINTONIA COM O IMAGINÁRIO: MITO E HUMOR NO RÁDIO PARANAENSE	
Rafaeli Francini Lunkes Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.71721110314	
CAPÍTULO 15	198
ARTE MULTIDIMENSIONAL: UM ESTUDO SOBRE A GRANDE PARADA, DE NELSON LEIRNER	
Marcos Rizolli	
DOI 10.22533/at.ed.71721110315	

CAPÍTULO 16	206
BRANDING E MARKETING DE CONTEÚDO: FORTALECIMENTO E GERAÇÃO DE VALOR PARA A MARCA POR MEIO DE CONTEÚDO SIGNIFICATIVO, CONSISTENTE E RELEVANTE NO AMBIENTE DIGITAL	
Railson Marques Garcez José Samuel Scriviner Neto	
DOI 10.22533/at.ed.71721110316	
CAPÍTULO 17	222
OS DOIS LADOS DO ATLÂNTICO: PANORAMAS DA TV NO BRASIL, EM CABO VERDE E EM PORTUGAL	
Vitor Pereira de Almeida Ricardo Matos de Araújo Rios	
DOI 10.22533/at.ed.71721110317	
CAPÍTULO 18	233
70 ANOS DE EVOLUÇÃO (OU INVOLUÇÃO) DO NÚMERO DE PROGRAMAS INFANTIS NA TV ABERTA	
Dirceu Lemos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.71721110318	
CAPÍTULO 19	246
RITOS GENÉTICOS (EDITORIAIS) DE OBRAS ESPÍRITAS	
Alcione Gonçalves Antônio Augusto Braico	
DOI 10.22533/at.ed.71721110319	
CAPÍTULO 20	259
REVISTA TV SUL PROGRAMAS: UM RETRATO DOS PIONEIROS DA TELEVISÃO	
Filipe Peixoto Laira Campos	
DOI 10.22533/at.ed.71721110320	
CAPÍTULO 21	272
SUPERAMIGOS E AS TRÊS DIMENSÕES DO ESPETÁCULO DE CARIDADE	
Marcelo Travassos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.71721110321	
CAPÍTULO 22	286
TERRITÓRIOS DE FICCIONALIDADE E SEUS USOS PARA A CONSTRUÇÃO DAS TRAMAS DAS TELENÓVELAS BRASILEIRAS	
Maressa de Carvalho Basso	
DOI 10.22533/at.ed.71721110322	
CAPÍTULO 23	298
O “MITO” NA PUBLICIDADE ELEITORAL; O USO DA PERSUASÃO NA CAMPANHA DE	

JAIR BOLSONARO

Bianca Monti Piazza Lopes

Roberta Fleck Saibro Krause

DOI 10.22533/at.ed.71721110323

CAPÍTULO 24.....312

TABUS DA SEXUALIDADE FEMININA: A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER AFRO-BRASILEIRA

Juliana Lopes Ordéas Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.71721110324

CAPÍTULO 25.....321

20 ANOS DE REGULAMENTAÇÃO DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS: POUCOS AVANÇOS E DEMANDAS DE NOVAS CONQUISTAS

Paulo Augusto Emery Sachse Pellegrini

DOI 10.22533/at.ed.71721110325

CAPÍTULO 26.....334

UM SÉCULO DE SINFONIAS URBANAS: *FILM-PHOTO* E INCONSCIENTE ÓTICO

Fernanda Aguiar Carneiro Martins

DOI 10.22533/at.ed.71721110326

CAPÍTULO 27.....344

UMA ARENA, MUITAS DISPUTAS: UMA RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA DOS DEBATES INTERNACIONAIS QUE PRECEDERAM O INFORME MACBRIDE

André Luís Lourenço

Juliano Maurício de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.71721110327

SOBRE O ORGANIZADOR.....358

ÍNDICE REMISSIVO.....359

NECROPOLÍTICA E PRECARIEDADE NO GESTO DE FILMAR O LUTO DE CRISTIANO BURLAN

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 24/12/2020

Leandro Silva Lopes

UFMG, Programa de Pós-Graduação em
Comunicação Social - PPGCOM
Belo Horizonte, MG
<http://lattes.cnpq.br/6842756460393991>

RESUMO: É a partir da experiência de um saber territorial de separar os mortos entre aqueles de morte morrida ou de morte matada, que se pretende operar a compreensão de como um cineasta consciente da sua precariedade, lida com suas ruínas. Como o gesto de filmar o luto de Cristiano Burlan, a partir da sua trilogia fílmica com os documentários “Construção» (2006), «Mataram meu irmão» (2013) e «Elegia de um crime» (2018), se relaciona com a noção de “precariedade” de Judith Butler e “necropolítica” de Achille Mbembe? Como, afinal, é possível capturar a distribuição desigual de sentido de vida? Assim, este trabalho busca perseguir as operações de um documentarista que aponta a lente em um tom denunciativo que talvez esclareça algumas dessas questões.

PALAVRAS-CHAVE: Luto, documentário, precariedade, necropolítica, análise fílmica.

NECROPOLITICS AND PRECARIOUSNESS IN THE GESTURE OF FILMING THE MOURNING OF CRISTIANO BURLAN

ABSTRACT: It is from the experience of a territorial knowledge of separating the dead from those of dead death or death killed, that the intention is to operate the understanding of how a filmmaker aware of his precariousness, deals with its ruins. How does the gesture of filming the mourning of Cristiano Burlan, from his film trilogy with the documentaries “Construção” (2006), “Mataram meu irmão” (2013) and “Elegia de um crime” (2018), relate to the Judith Butler’s notion of “precariousness” and Achille Mbembe’s “necropolitics”? How, after all, is it possible to capture the uneven distribution of the meaning of life? Thus, this work seeks to pursue the operations of a documentary filmmaker who points the lens in a denunciative tone that may clarify some of these issues.

KEYWORDS: mourning, documentary, precariousness, necropolitics, film analysis.

1 | INTRODUÇÃO

No sertão da Bahia, especificamente em Serrinha, a morte traz consigo um aparato de hábitos. Não cabe aqui a sistematização de todos. Alguns, porém, parecem interessantes para o esforço argumentativo que se segue. O primeiro é a praxe da procissão. O velório é serpenteante. Percorre-se as ruas em um zigue-zague quase dançante. Aos comerciantes

é atribuído o dever de abaixar suas portas pela metade. Um gesto de respeito ao corpo carregado que se vai. Há cantorias, há predominância do preto e há, sempre e todo o tempo, a aproximação de alguém que pouco ou nada conhece dos familiares que efetuam o trajeto. Este acercamento é sempre carregado de um questionamento que nos parece inaugural da problemática que esse trabalho persegue: “foi de morte morrida ou de morte matada?”

Para os sertanejos e sertanejas existe uma profunda dessemelhança entre morrer e ter sido matado. Heidegger (1985) diz que “desde que nasce, um homem é suficientemente velho para morrer” (HEIDEGGER, 1985 apud MORIN, 1997, p. 277). Porém, para o povo do sertão, talvez ninguém nunca seja suficientemente velho para ser matado. É justamente isso, a morte matada, em perspectiva fílmica, que interessa a este trabalho.

Perseguiremos, por meio do documentário, a compreensão de como um cineasta envolto a presença constante de mortes matadas, lida com o que resta, com o que se perde, com aquilo que falta, enfim, com suas ruínas. E, de que modo, opera sua realização fílmica a partir de uma reverberação social, denunciativa e, assim, promove um escancaramento da distribuição desigual de sentido de vida.

Aqui, Judith Butler (2019) e sua noção de precário, assim como Achille Mbembe (2018b) e todo o seu pensamento em torno da ideia da necropolítica, serão fundamentais para se criar um campo de diálogo entre luto e documentário.

2 | PRECARIEDADE, SUSTÂNCIA DE NECROPOLÍTICA

É a partir da ideia de sermos passíveis de morte que a filósofa Judith Butler desenvolve seu pensamento a respeito da precariedade da vida. Para a autora, somos seres sociais dependentes dos outros, de instituições e de ambientes sustentados e sustentáveis e, portanto, dependentes do que está fora de nós (BUTLER, 2018). “Isso implica estarmos expostos não somente àqueles que conhecemos, mas também àqueles que não conhecemos.” (BUTLER, 2018, p. 31). Ela alerta para o fato de que é comum se pensar que a precariedade é algo constituído, mas é preciso compreender que, por sermos sociais e, portanto, dependentes um dos outros, a precariedade é inerente ao ser humano. O nascimento é, por definição, precário. (BUTLER, 2018). Mas também é precário todo a rotina do viver. Para reafirmar a precariedade, Butler insiste em dizer que não há vida sem uma condição que a sustente e tais condições são dadas por meio das relações sociais.

São as “condições sociais”, que determinam as “operações de poder”. Entendendo isso, a pergunta que poderíamos arriscar é: afinal, quem ou o quê opera as condições sociais e quem ou o quê define as operações de poder? É neste âmbito que circunstâncias “se desenvolvem historicamente a fim de maximizar a precariedade para alguns e minimizar a precariedade para outros.” (BUTLER, 2018, p. 15). E, quando isso é dado, se estabelece uma “condição precária” capaz de elaborar uma distribuição desigual de sentido de vida.

Existe assim uma operação social e política determinante que deságua na resposta para um questionamento essencial que o filósofo Achille Mbembe (2018b) nos traz em outro texto fundamental para o que perseguimos nesse trabalho. Ele pergunta: “sob quais condições práticas se exerce o direito de matar, deixar viver ou expor à morte?” (MBEMBE, 2018b, p. 6). Afinal, se morrer de morte morrida é menos uma escolha, morrer de morte matada é uma quase condição de alguns seres viventes. E quando essa determinação é institucionalizada, sobretudo, por uma decisão do Estado, vemos a operacionalização do que Achille Mbembe (2018b) chama de “necropolítica”.

Tendo como ponto de partida o pensamento de biopolítica de Michel Foucault e explorando sua relação com as noções de soberania e o estado de exceção, Mbembe (2018b) promove uma reflexão sobre os modos e formas pelas quais o poder político, de diferentes maneiras, se apropria da morte como instrumento de gestão, ou, nas suas palavras “formas de soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, mas a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações”. (MBEMBE, 2018b, p. 10-11).

O filósofo nos lembra que a necropolítica é operacionalizada não apenas para fazer morrer ou produzir a morte, mas também a partir da gestão de condições mortíferas. Trata-se, por exemplo, de estabelecer um controle em uma determinada região de uma cidade com o objetivo de oferecer níveis mínimo de manutenção de uma população viva e ativa.

É a partir da formulação foucaultiana e de estudos de Frantz Fanon e Georges Bataille que Mbembe encontra respostas para essas e outras questões que o texto levanta. A noção de biopoder pode colaborar nesta compreensão na medida em que ela parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. “A função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo” (FOUCAULT, 1987 apud MBEMBE, 2018a, p. 70). Na leitura que Mbembe faz de Foucault é no biopoder que se estabelece uma divisão entre os vivos e os mortos capaz de produzir uma distribuição da espécie humana em grupos e subgrupos a partir de uma censura biológica entre uns e outros. É nesse campo que reside o racismo.

Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, ‘este velho direito soberano de matar’.¹ Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado (MBEMBE, 2018b, p. 18).

Segundo Mbembe (2018b), Foucault afirma que o direito soberano de matar é inerente ao funcionamento dos Estados modernos. Oferece-nos como exemplo completo, neste sentido, o Estado nazista. Porém, lembra que as premissas materiais de extermínio do antissemitismo alemão também podem ser encontradas no imperialismo colonial.

1. FOUCAULT, 1997 apud MBEMBE, 2018b, p. 18.

Recorrendo a Enzo Traverso, Mbembe (2018b) afirma que a execução em série transformou-se em um procedimento técnico. “Esse processo foi, em parte, facilitado pelos estereótipos racistas e pelo florescimento de um racismo de classe” (MBEMBE, 2018b, p. 21). Criou-se assim, uma ideia binária entre “as classes trabalhadoras e o ‘povo apátrida’ do mundo industrial aos ‘selvagens’ do mundo colonial” (MBEMBE, 2018b, p. 21).

A leitura de Mbembe (2018b) a partir do racismo² como dispositivo encontra pontos de diálogo com o pensamento de Judith Butler (2019). Segundo ela, a biopolítica nos termos foucaultianos é a base que fundamenta as operações de morte que, por sua vez, são justificadas pelo bem da maioria. Mas quem determina o que é fazer o bem? Mbembe (2018b), ao analisar as violências praticadas durante a colonização, nos mostra que uma ferramenta fundamental da “ocupação colonial” se deu no campo da produção de imaginários culturais, reforçando, por exemplo, a ideia de “selvagem”.³ “Aos olhos do conquistador, vida selvagem é apenas outra forma de vida animal” (MBEMBE, 2018b, p. 35). Modos de operações do imaginário que permanecem nas visões contemporâneas de mundo. Para além disso, Mbembe (2018b) nos mostra que o monopólio deste tipo de gestão deixou de ser de exclusividade do Estado e passou a fazer parte da rotina de uma série de outros atores sociais, como os narcotraficantes e as milícias. A partir disso, não é necessário um labiríntico esforço teórico para afirmar que existe muito mais morte matada do que o imaginário popular é capaz de perceber.

A necropolítica é uma ferramenta do agora. Trata-se de um dispositivo de poder que o cineasta Cristiano Burlan conhece bem. Nascido em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, ele viveu boa parte da adolescência no Capão Redondo, região sudoeste do município de São Paulo. Burlan, que presenciou a morte de dezesseis amigos antes dos 20 anos, também conviveu com o fato de perder o pai, o irmão e sua mãe, sendo que os dois últimos foram assassinados. Fez disso, filmes, lançando o que ele chama de “Trilogia do Luto”, com “Construção” (2006), sobre seu pai, Vânio; “Mataram meu irmão” (2013),⁴ sobre Rafael, seu irmão; e, “Elegia de um crime” (2018), sobre o feminicídio de Isabel, sua mãe. Burlan, ao colidir com a tradição da produção fílmica e artística da finitude e ao documentar a morte do seu pai e os assassinatos do seu irmão e mãe, aponta uma reflexão a respeito da precariedade da vida dos seus familiares. “Onde meu irmão foi assassinado era conhecido como o triângulo da morte. Nos anos 90, morria mais gente lá do que na Faixa de Gaza.”⁵

2. A empreitada específica da noção de racismo será propositadamente evitada aqui. Trata-se de um tema merecedor de outros longos trabalhos. Propomos nos ater a questão mais circunscrita da biopolítica.

3. Sobre a ideia de “selvagem”, Mbembe faz uma leitura irônica do pensamento de Hannah Arendt. Citamos: “Os selvagens são, por assim dizer, seres humanos ‘naturais’, que carecem do caráter específico humano, da realidade especificamente humana, de tal forma que ‘quando os europeus os europeus os massacravam, de certa forma não tinham consciência de cometerem um crime’ (ARENTE, 2012 apud MBEMBE, 2018, p. 36).

4. Vencedor de dois prêmios no Festival É Tudo Verdade.

5. De acordo com o Index Mundi (www.indexmundi.com), na Faixa de Gaza, 44% da população tem menos de 14 anos e a média de idade no país é de 17, uma das mais baixas do mundo. Segundo o relatório anual do Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários – Ocha/ONU, só em 2014, durante a operação “Barreira de Proteção” promovida pelo exército israelense, mais de 1.500 civis foram mortos, 11.000 ficaram feridos e 100.000 deslocados.

Então, essa construção da Butler sobre situações de guerra diz muito do meu lugar”.⁶

Faremos um breve recorrido conceitual para trazer um outro pensamento que também diz muito da formulação deste trabalho. Em um seminário intitulado “Arte e descolonização”, a artista visual Jota Mombaça, ao afirmar que é preciso relembra constantemente que vivemos assentados no valor histórico do trabalho colonizado⁷, apresenta, a partir das suas leituras da filósofa Denise Ferreira da Silva, um questionamento em torno da noção de valor. Para ela, aquilo que percebemos como valor está diretamente ligado a “uma espécie de bússola ética da modernidade que constitui, por exemplo, o modo como nos relacionamentos com a ideia de humano”.⁸ “O valor se tornou um dispositivo capaz de determinar se uma vida vale mais ou vale menos”.⁹ Essa determinação é fundamental para o pensamento butleriano a respeito da precariedade. Porém, Jota nos apresenta um caminho perspicaz para tal compreensão. Segundo ela, essa bússola é constituída durante todo a colonização. “O processo colonizador é fundador dos valores que determinam qual vida é mais importante”.¹⁰ Essa frase da Jota é capaz de agregar noções presentes em Mbembe, nas discussões fundantes do pensamento do precário em Butler e ainda nas composições fílmicas trabalhada por Burlan, como veremos a seguir.

3 | FILMAR O LUTO, EDIFICAR UMA COMOÇÃO

A partir dos três filmes que compõem a trilogia do luto, “Construção” (2006); “Mataram meu irmão” (2013) e “Elegia de um crime” (2018), Cristiano Burlan materializa um debate sobre o reconhecimento de uma “vida” nas palavras de Butler ou do “valor” da vida, segundo Jota Mombaça. E, o que nos parece ainda mais importante, se essas vidas, no caso do seu pai, irmão e mãe, são reconhecíveis como passíveis de luto. Embora presente nos três filmes, tal questionamento é posto de maneira evidente apenas nos dois últimos. “Construção” (2006), ao nosso ver, é um ensaio-poético de memória, que remonta, a partir das imagens que ambientam as lembranças de um pai, tendo como paisagem poética um canteiro de obras, onde Vânio Porto trabalhava como pedreiro e, provavelmente, onde ele também morreu. Não se sabe até hoje se de morte morrida ou morte matada.

São nos trabalhos posteriores, “Mataram meu irmão” (2013) e “Elegia de um crime” (2018), que Burlan assume uma postura ativa, produzindo documentários como quem elabora uma busca. Uma procura por lembranças objetivas, no caso do Rafael Burlan, ou por explicações significativas, no caso de Isabel Burlan, sua mãe. Ou, em outra análise, como perseguimos, uma busca pela seguinte resposta: seriam essas, enfim, vidas passíveis de luto?

6. Cristiano Burlan fala sobre o assunto durante uma entrevista concedida a nós para um trabalho preparatório para este artigo. A conversa gerou o curta-metragem “butler em extracampo com burlan”, de 11 minutos. Disponível em <https://vimeo.com/346962314>. Acesso em: jul. 2020.

7. Palestra proferida por Jota Mombaça no projeto “Arte e descolonização”, São Paulo, 15 out. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fdb5Hw7sWhI>. Acesso em: Ago. 2020.

8. Idem.

9. Idem.

10. Idem.

Para Roberta Veiga (2014), o segundo filme da trilogia realiza um retorno à experiência passada não de dentro “por uma expressão interior que se manifeste durante todo o filme, mas pelas bordas” (VEIGA, 2014, p. 3), operando uma realização fílmica a partir de elementos não evidentes. Segundo ela, a figura de Rafael irmão, marido, sobrinho, amigo “só poderá ser construída pelos depoimentos, reservando à força indicial da imagem de tornar presente um ausente para um único lugar: a de um rapaz morto na periferia.” (VEIGA, 2014, p. 5). Escasso de imagens em vídeo, resta ao realizador a memória, a fala sobre as lembranças. Esse é o tom narrativo de todo o filme. Como a primeira sequência, em tela preta, quando Burlan conversa ao telefone com uma atendente do Crematório e Memorial Parque Paulista, onde, supostamente, o corpo do seu irmão está enterrado. É o momento de apresentação de um personagem que, até aqui e durante quase todo o filme, é apenas um nome, mas é também muitas memórias: “Rafael Burlan da Silva”, responde Cristiano a atendente que o pergunta sobre o nome da “pessoa falecida”. O realizador então descobre que o corpo do seu irmão foi exumado: “por enquanto está no ossário”, responde a voz ainda em tela preta.

O que esse diálogo inicial do filme sugere assim como a sequência seguinte - um plano que mostra carros percorrendo um túnel em uma avenida da cidade de São Paulo, é de que se trata de uma elaboração de busca por um corpo, mas o que o documentário vai tecendo, pouco a pouco, é o que Veiga (2016) chama de processo de filmagem de uma “experiência no presente sobre outra, passada.” (VEIGA, 2016, p. 197). É a memorização que se deseja. Reminiscência da hora da ligação da mãe que o avisa do assassinato, de qual filme passava naquele exato momento ou do livro que se lia. Imagens da última troca de olhares, do pedido de desculpa, de uma quase despedida.

Burlan vai percorrendo suas recordações para elaborar suas ruínas. Nos apresenta o seu modo de perceber o Capão Redondo, nos permite acompanhá-lo na trajetória labiríntica da sua memória dos outros.¹¹ Ouvimos e vemos uma tia, um primo, uns versos, uma irmã, um choro, uma pergunta: por que ter virado estatística? Um amigo, um mar, outro amigo, um diagnóstico psicossocial, outra indagação: é justo? A lembrança da chegada ao local, um silêncio, um corpo, uma vala, outro questionamento: por quê? Enfim, uma foto, depois, uma voz, um outro irmão, outra pergunta: o que você lembra dele? Uma pipa, uma esposa, umas fotos que não vemos, um filho, uma filha, uma questão: sente falta dele? Uma canção, um choro, dois abraços. O luto, enfim, é escancarado. Ao final do filme, com uma tensa trilha sonora, Rafael, enfim, em imagens. Apenas um corpo. Retorcido, baleado, morto de morte matada. As fotografias da divisão de homicídio, com legendas: “Aspecto geral do local”, “Aspecto geral da vítima”, “Detalhamento dos ferimentos”, enfim, coloca em evidência um gesto fílmico que nos atira para a percepção da distribuição desigual de sentido de vida.

11. Para que não exista dúvida: a ideia de “memória dos outros” é uma forma de pensar a elaboração fílmica de se montar suas próprias lembranças a partir dos depoimentos de outros, no caso, de outros parentes e amigos. Assim, Burlan nos apresenta a imagem do seu irmão.

Imagens comuns a um cotidiano de um bairro como o Capão Redondo, circunscrito com a invasão televisiva de programas policiais que distancia a possibilidade de uma reflexão humanizada sobre corpos e fatos. Imagens que despercebidamente podem parecer um sinal de tentativa de distanciamento sentimental entre cineasta e “objeto” retratado. Porém, ao que nos parece, o gesto é potencialmente inverso. O que faz Cristiano Burlan é justamente colocar em crise essa técnica televisiva predominante de observação de mundo.

Ninguém quer saber quem é aquele ‘Zé Mané’. Aquilo é só para você passar meia hora do seu dia assistindo uma carnificina e fazendo seus julgamentos. Pra gente que viveu com essa história, que conviveu com assassinato, com violência, com questões tão estúpidas, com mortes extremamente estúpidas, é diferente. São figuras que ficam em um álbum de retrato. Na televisão eles passam, eles são instantâneos, mas pra gente eles não são instantâneos, a gente conhece a vida dessas figuras, a gente sabe o caminho dessas figuras, a gente sabe o que levou essas figuras a isso ou aquilo e a gente sabe se aquilo que aconteceu é justo.¹²

Propomos uma atenção as imagens oralmente projetadas no pensamento de Tiago Luna descrita acima, sobretudo, no que diz respeito a “álbum de retrato”. Nisto reside uma cena do reconhecimento fundamental para a reflexão sobre noção de vida. Um enquadramento capaz de ecoar o que Butler (2018) chama de “trajetória de comoção”. Aprofundaremos sobre isso adiante. Antes, porém, vamos ao terceiro e último filme da trilogia, lançado cinco anos depois, em 2018.

Para chegar nele, é preciso percorrer uma constatação: “Mataram meu irmão”, finalizado em 2013, é uma ponte explícita entre o primeiro filme, “Construção”, de 2006, e o último. No documentário sobre Rafael Burlan são diversos os momentos que teiam os três acontecimentos trágicos da vida do cineasta. Ouvimos sobre Vânio Porto, seu pai, e nos intrigamos com os questionamentos em torno da sua mãe, Isabel. Em um determinado momento, enquanto a viúva de Rafael elabora seu depoimento, se escuta: “Sua mãe tava nova, forte, bonitona. Esse cara que fez isso com ela está preso?”. Cristiano responde: “está foragido”. Podemos nos perguntar: o que aconteceu com a mãe do documentarista? No filme seguinte, ele nos responde.

Já no primeiro plano do documentário “Elegia de um crime” (2018) vemos uma estrada sendo percorrida e ouvimos Burlan lendo uma carta à mãe onde diz recordar da sua vontade de filmá-la durante o enterro e o quanto isso o perturbava. “Filmar pode ser muito violento”, diz. Porém, outros a filmaram e no dia do seu assassinato. Um outro programa policial. Uma repetição do *modus operandi* cotidianamente brutal das regiões carentes brasileiras. Um mesmo enquadramento social agressivo que nos atravessa ao final da história de Rafael, seu irmão, é o que nos inicia na narrativa de Isabel, sua mãe. Sobre a

12. Trecho do depoimento de Tiago Luna, amigo de infância da família, no filme MATARAM meu irmão. Direção: Cristiano Burlan. São Paulo, 2013 [minutagem: 37’15” – 38’07”]

memória sensacionalista da TV, Burlan diz: “Essa imagem me atormenta constantemente”. E, por isso, nos evidencia o que pretende nas sequências fílmicas que se seguem: “Meu desejo é de eternizar outra lembrança. Preciso reconstruir a nossa história. [...] Começa aqui uma jornada em busca do seu passado. Um mergulho na nossa memória. Um relato duro de uma vida cruel”.¹³ Guardemos mais uma explanação-chave: “reconstruir a nossa história” na mesma “caixa” do “álbum de retrato” pontuado anteriormente. Chegaremos lá.

“Elegia de um crime” (2018) nos lembra, em vários momentos, o filme anterior, sobretudo na montagem. Aqui também assistimos ao cineasta realizando uma ligação telefônica. Dessa vez, porém, no lugar da tela preta do documentário pregresso, Cristiano Burlan se faz presente, em quadro. Nesse plano, ele nos apresenta a história de feminicídio da sua mãe. Na conversa, dessa vez com um policial, nos armadilha a pensar que mergulharemos em uma narrativa de busca, de captura do assassino da sua mãe. É visível uma precipitação na sua voz, uma urgência. “Meu objetivo é que ele seja preso. Pouco importa o filme”, diz o diretor. Sem sucesso, Burlan suspira indignado.

No plano seguinte, uma sequência de fotos nos apresenta uma Isabel feliz, entre filhos e festas. É a história sendo reconstruída, plano a plano, como nos prometeu Burlan no início do documentário. É nítido também a presença do cineasta. Antes, no documentário sobre Rafael, tímido e pontual. Agora, constante. Presente no abraço da irmã e no choro partilhado da história da adoção, no manusear dos álbuns de fotografias, nos encontros com os irmãos, que pouco a pouco nos apresentam seus universos ambientados por atravessamentos de violências. Um tio relembra a imagem que viu pela televisão: “Eu vi uma imagem do corpo dela, deitado, né, com marca no pescoço. Eu vi assim, de relance também. [...] É feio. E quando é um parente da gente é pior ainda, né?”.¹⁴ Para Burlan, dói e reverbera. O cineasta, de um modo indireto, tira satisfação da reportagem. Conhecemos, então, a realizadora do programa policiaisco que publicizou o feminicídio na época. A jornalista Cássia Bomfim concede entrevista e divide o quadro com Burlan enquanto revê a reportagem. Ela reflete sobre as responsabilidades éticas do seu trabalho. O cineasta observa. A repórter usa um termo que nos parece caro, ainda que seus significados pareçam diferente. “É a comoção. É o choque. É aquela coisa de você chocar”.¹⁵ Aqui também podemos adotar uma outra explanação-chave que encontrará fluidez adiante. Propomos guardá-lo: “comoção”. Seguimos. Destacamos agora um outro trecho da obra, desta vez, tal qual um sertanejo, um outro tio de Cristiano Burlan reflete sobre o peso da morte matada e transparece uma indignação.

13. Trecho do off de Cristiano Burlan ao iniciar o filme ELEGIA de um crime. Direção: Cristiano Burlan. São Paulo, 2018 [minutagem: 2’20” – 2’44”].

14. Trecho do depoimento de Albino Burlan no filme ELEGIA de um crime. Direção: Cristiano Burlan. São Paulo, 2018 [minutagem: 13’12”- 13’37”].

15. Trecho do depoimento de Cássia Bomfim no filme ELEGIA de um crime. Direção: Cristiano Burlan. São Paulo, 2018 [minutagem: 30’22”- 30’26”].

A sensação de ter ela morrido não foi tão forte como o jeito como ela morreu. Porque a morte é concebível, é uma coisa certa que nós temos. Não escapa ninguém. Mas o jeito que tu morre, é que mexe com o vivente, entende? Se é uma morte por doença, se é uma morte... acidente, se tu pega um câncer... agora, morte tipo assassinato, esquartejamento, enforcamento, isso aí mexe com o vivente. Isso aí machuca [...] quantas coitadas perde a vida por vagabundo aí?¹⁶

De posse de uma pista onde possa estar o assassino, Burlan faz dos planos seguintes, como quem busca responder ao tio, uma caça. O cineasta, entre memória afetivas com a irmã e histórias doloridas com o irmão, vai, em paralelo, montando uma estratégia para capturá-lo. Primeiro a delegacia da cidade. Depois, volta ao local do crime e, por meio das lembranças da irmã, reconstitui a cena. Acessa os dados do processo: arma do crime e anexos fotográficos. Pratica tiros, como quem organiza uma investida. Pega estrada. Tudo se ambienta com uma trilha tensa ao fundo. A repórter do programa policiaisco o acompanha. Eles chegam a um assentamento. A câmera, do carro, registra tudo que consegue. O áudio revela: o assassino esteve ali. Já não está.

Uma nova ligação nos revela que ainda existe esperança em prendê-lo. Capturá-lo é um modo de fazer justiça. Fazer justiça é uma maneira de aliviar uma dor. Aliviar uma dor é um método de reconstruir uma história. Fazer um filme é uma possibilidade para se vingar. “Conheço o seu assassino e essa consciência me dilacera”, diz ele no início do filme. “A sua morte define a minha vida”, afirma ao final.

Assim, plano a plano, Burlan compõe, como versos, sua elegia de um feminicídio. Elabora seu luto, inspira e respira sua dor, mas, acima de tudo, compõe o que Butler (2018) define como “trajetória de comoção”, reconstituindo uma história e desvelando álbuns de retratos capazes de enquadrar uma cena do reconhecimento. Aqui, podemos enfrentar nossas explanações-chave: “reconstruir a nossa história”, “álbum de retrato” e “comoção”. Palavras entre várias possíveis na trilogia que formatam uma teia de montagem e que propomos como dialógicas para composição da nossa abordagem conceitual. Permita-nos aprofundar.

Vida, no contexto de Butler (2018), é entendida como mecanismo pertencente ou não dos meios seletivos de organização social e política. “Há ‘sujeitos’ que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente - ou, melhor dizendo, nunca - são reconhecidas como vidas” (BUTLER, 2018, p. 17). Assim, em um gesto de revisão da ontologia social, a autora nos mostra que toda vida e, necessariamente, toda morte, tem relação com um determinado enquadramento constituído pelas operações de poder.

“Sem a condição de ser enlutada, não há vida, ou, melhor dizendo, há algo que está vivo, mas que é diferente de uma vida” (BUTLER, 2018, p. 33). Vidas como a de Rafael ou Isabel Burlan, irmão e mãe do realizador, dentro dos enquadramentos descritos por Butler,

16. Trecho do depoimento de Valdir Burlan, o “Tio Gordo”, de Cristiano Burlan no filme ELEGIA de um crime. Direção: Cristiano Burlan. São Paulo, 2018 [minutagem: 40’34” – 41’17”].

não são reconhecíveis como vida. E, não sendo vidas, não são passíveis de luto. Porém, existe uma possibilidade de deslocar alguns enquadramentos. Para Butler, as fotografias de guerra e a poesia do cárcere dos poetas de Guantánamo são exemplos de algo que escapa ao controle e são capazes de constituir uma trajetória de comoção. O movimento da imagem ou do texto fora do confinamento é uma espécie de “evasão”.

Embora nem a imagem nem a poesia possam libertar ninguém da prisão, nem interromper um bombardeio, nem, de maneira nenhuma, reverter o curso da guerra, podem, contudo, oferecer as condições necessárias para libertar-se da aceitação cotidiana da guerra e para provocar um horror e uma indignação mais generalizados, que apoiem e estimulem o clamor por justiça e pelo fim da violência (BUTLER, 2018, p. 26-27).

Neste sentido, Cristiano Burlan, ao operar o seu luto para reverberações denunciativas, torna sua narrativa fílmica também um modelo capaz de ecoar uma “trajetória de comoção”, capaz de nos alertar para as operações de poder vigentes e injustas. É perfeitamente possível equiparar seus filmes aos exemplos oferecidos por Butler em seu texto. Ao filmar o seu luto, Burlan reivindica o reenquadramento do seu irmão e da sua mãe como vidas e torna-os, escapando-os, para vidas passíveis de luto. O cineasta localiza sua escrita fílmica para todo e qualquer ouvido atento às questões sociais. E, assim, realiza uma escrita para nós. Em “Elegia de um crime” (2018), dois momentos são evidentes para tal constatação. Primeiro a irmã, ao ser perguntada sobre o que ela achava da feitura do filme, afirma que o documentário poderá ser capaz de fazer algumas mulheres “acordarem”. “Se o cara está sendo agressivo, que elas saiam disso. Também pode servir como alerta”.¹⁷ Assim como seu tio, Valdir Burlan: “Eu não vi, até hoje, um cara ser julgado e condenado a 30 anos de cadeia porque matou uma mulher”.¹⁸

Para Veiga, o cinema, embora não possa encerrar os superlativos, pode deslocar, “de forma a dar a ver o quanto a imagem faz sobreviver o espírito de um tempo, o quanto o pessoal guarda de político.” (VEIGA, 2014, p. 12). O nós narrado no cinema pode, muitas vezes, alinhar uma noção que transforma o luto privado em um luto coletivo e, no caso do Burlan, denunciativo. Para Butler (2019), o luto exhibe uma servidão na qual somos, desde o nascimento, entregues ao outro, assim como escancara as condições desiguais de vulnerabilidade.

Apreender tais condições é fundamental para uma mudança de postura diante do mundo. “Então poderíamos avaliar criticamente e nos opor às condições em que certas vidas humanas são mais vulneráveis do que outras e, assim, certas vidas humanas provocam mais luto do que outras” (BUTLER, 2019, p. 51). A habilidade de narrar a nós mesmos “pode realmente ajudar a expandir nossa compreensão das formas que o poder

17. Trecho do depoimento da irmã, Kelly Cristina Burlan da Silva, no filme ELEGIA de um crime. Direção de Cristiano Burlan. São Paulo, 2018 [minutagem: 31'56” – 32'00”].

18. Trecho do depoimento de Valdir Burlan, o “Tio Gordo”, de Cristiano Burlan no filme ELEGIA de um crime. Direção de Cristiano Burlan. São Paulo, 2018 [minutagem: 41'49” – 42'00”].

global assumiu” (BUTLER, 2019, p. 28). Do particular para o geral, do pessoal para o político. É nesse gesto que reside, no caso do Burlan, o reconhecimento da vulnerabilidade e o “reconhecimento exerce o poder de reconstituir a vulnerabilidade” (BUTLER, 2019, p. 65). É nisso que opera a “trilogia do luto”. Os três filmes criam a dinâmica de disputar os sentidos dos enquadramentos sociais de três acontecimentos trágicos que pouco ou nada teriam de visibilidade, mas que, a partir da produção fílmica, questiona, por meio da trajetória de comoção, o sentido de vida.

Acreditamos que as obras operam, deste modo, um reconhecimento da distribuição desigual de sentido de vida e enquadra, por meio do luto, por meio do reconhecimento da morte matada, como se diria no sertão, a possibilidade de serem passíveis de luto. É o escape, a evasão, a edificação de uma comoção que a trilogia produz.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi a partir de um conhecimento empírico da sabedoria popular, capaz de separar a vida e a morte entre morrida ou matada, que nos aventuramos pela compreensão da ideia de precariedade, caminhando, por um lado, pelo labirinto butleriano, e, por outro, pela ideia de necropolítica, proposta por Mbembe. Nele, aliás, entendemos que para as operações de poder não basta apenas produzir a morte, mas também gerir condições mortíferas. Nesse cenário, apresentamos o gesto do cineasta Cristiano Burlan, que apreendido tanto pela precariedade quanto pelas operações mortíferas – que constituem os campos da morte - instituídas pelas condições sociais em que vivia, assistiu a morte do pai, o assassinato do irmão e o feminicídio da mãe. Fazendo dos seus lutos, filmes. E, ao realizar a “trilogia do luto”, questionou os enquadramentos, recriando uma outra ideia de valor, como reivindica a artista visual Jota Mombaça.

Detalhamos dois dessas operações fílmicas e mostramos alguns dos vários momentos possíveis em que o cineasta põe em crise os enquadramentos sociais estabelecidos para vidas que não são passíveis de luto. Criou assim, como vimos, uma trajetória de comoção e, por meio do seu gesto, narrou sobre a distribuição desigual de sentido de vida.

APOIO

Com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – CAPES

CORPUS FÍLMICO

CONSTRUÇÃO. Direção: Cristiano Burlan. Produção: Bela Filmes. São Paulo, 2006. (48 minutos), son., color.

MATARAM meu irmão. Direção: Cristiano Burlan. Produção: Bela Filmes. São Paulo, 2013. (82 minutos), son., color.

ELEGIA de um crime. Direção: Cristiano Burlan. Produção: Bela Filmes. São Paulo, 2018. (92 minutos), son., color.

REFERÊNCIAS

BURLAN, Cristiano. **butler em extracampo com burlan**. [Entrevista cedida a Leandro Lopes.] Vídeo-trabalho-final para a disciplina “Políticas da Imagem”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. 8 Jul. 2019. Disponível em: <https://vimeo.com/346962314>. Acesso em: Ago. 2020.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Tradução: Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Tradução: Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1, 2018a.

_____. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução: Renata Santini. São Paulo: N-1, 2018b.

MOMBAÇA, Jota. **MASP Seminário: Arte e descolonização**. São Paulo: MASP Museu de Arte de São Paulo, 21 out. 2019. 1 vídeo (2:22:28). Publicado por MASP Museu de Arte de São Paulo. Disponível em: <https://youtu.be/fdb5Hw7sWhI>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Tradução: Cleone Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

VEIGA, Roberta. **O menor e o maior no cinema pessoal**: Diário de uma busca, Elena e Mataram meu irmão. E-Compós, Brasília, V.17, n.3, set/dez. 2014. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1059>. Acesso em: Ago. 2020.

_____. **Por uma política da rememoração**: a potência histórica no cinema de experiência pessoal. Contracampo, Niterói, V.35, n.3, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17588>. Acesso em: Ago. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise Fílmica 126

Assessoria de Imprensa 165, 166, 168, 169, 172, 173, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Audiovisual 33, 36, 64, 65, 66, 79, 81, 92, 93, 94, 113, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 148, 150, 151, 155, 157, 227, 228, 231, 287, 291, 334

C

Cinema Brasileiro 112, 115, 118, 124, 125

Comunicação 1, 2, 16, 18, 19, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 68, 77, 78, 79, 81, 83, 87, 88, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 109, 110, 112, 113, 114, 121, 126, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 149, 152, 153, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 179, 181, 186, 187, 188, 204, 206, 208, 209, 213, 214, 215, 216, 217, 219, 220, 222, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 241, 245, 250, 251, 252, 253, 256, 259, 260, 270, 271, 272, 273, 275, 284, 285, 291, 300, 301, 310, 311, 312, 315, 316, 321, 322, 323, 324, 325, 327, 328, 329, 331, 332, 334, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 358

Concentração 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 159, 227, 228, 344, 350, 351

Conflito 1, 2, 3, 5, 11, 86, 104, 107, 155, 157, 277, 305, 306, 309, 325

Crítica Político-Social 64, 66, 67, 69, 76, 77, 78

Cultura Pop 93, 94, 108, 111, 197, 236, 282

D

Desmonte da Ebc 41

Ditadura Militar 35, 36, 67, 77, 79, 91, 113, 118, 119, 120

Documentário 126, 127, 131, 132, 133, 135, 334, 337, 341, 343

E

Ecopropaganda 138, 139, 144, 148

Elite 83, 93, 94, 96, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Estética 8, 65, 66, 81, 90, 109, 138, 139, 140, 151, 154, 155, 156, 160, 200, 204, 338, 339, 341, 342

Estilo Televisivo 149, 150, 160, 162

Estrutura Discursiva Narrativa 11, 1, 2, 3, 7, 15

Experiência Comunicável 1, 4, 6, 7, 14

F

Festival 10, 79, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 112, 113, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 129

I

Imagem 16, 18, 20, 21, 25, 30, 120, 121, 122, 131, 133, 135, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 145, 146, 147, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 167, 168, 184, 187, 188, 196, 203, 205, 211, 213, 217, 218, 219, 228, 242, 262, 269, 273, 274, 276, 277, 278, 280, 287, 298, 299, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 317, 318, 335, 336, 337, 338, 341

Indústria Cultural 45, 47, 48, 55, 81, 92, 271, 295

Indústria Fonográfica 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 88

Inovação Tecnológica 45, 51, 54

J

Jornalismo 1, 4, 16, 44, 112, 114, 125, 149, 165, 167, 358

Jornalismo Cultural 112, 124

L

Legislação de Mídia 33

Leitura Crítica 93, 99, 105

Luto 126, 127, 129, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 290

M

Matrizes Culturais 149, 151, 152, 153, 155, 162, 294

Mercado de Música 45, 51

Música 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 65, 67, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 97, 156, 250, 270, 314

N

Narrador 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 13, 14, 105, 276, 277, 279, 280, 281

Necropolítica 126, 127, 128, 129, 136, 137

O

Oligopólios 33, 35, 42

P

Perfil 56, 59, 75, 118, 140, 165, 166, 169, 186, 187, 191, 260, 261, 262, 265, 266, 270, 289, 309

Prática 1, 7, 10, 31, 40, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 71, 97, 99, 148, 155, 165, 166, 169, 186, 205, 206, 241, 245, 272, 274, 275, 281, 282, 284, 289, 291, 311, 329, 358

Práticas Profissionais 57, 165

Precariedade 126, 127, 129, 130, 136

Publicidade 1, 2, 8, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 28, 30, 31, 45, 51, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 140, 144, 148, 207, 213, 237, 241, 265, 298, 299, 300, 301, 305, 310, 311, 325, 326, 327, 330, 331, 333

R

Redação Publicitária 1, 2, 7, 15, 18, 31, 58, 63, 310

Retórica 4, 112, 117, 120, 123, 124, 143, 144, 310

S

Semiótica 15, 95, 97, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 124, 188, 205, 358

Série 15, 35, 38, 58, 71, 93, 94, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 113, 122, 123, 129, 155, 199, 218, 225, 229, 234, 235, 236, 239, 246, 266, 269, 337, 338, 345, 346, 348, 355

Storytelling 64, 65, 66, 68, 69, 74, 75, 77, 78, 162

T

Telenovela 82, 83, 84, 149, 150, 151, 152, 157, 159, 160, 161, 162, 286, 291, 292, 293, 294, 296, 297

Televisão 13, 7, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 98, 109, 113, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 132, 133, 140, 144, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 160, 162, 194, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 242, 243, 244, 245, 259, 260, 262, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 275, 277, 278, 280, 281, 282, 283, 284, 291, 331, 352

Terra 63, 147, 149, 151, 152, 156, 157, 159, 160, 162, 262

TV Excelsior 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 151, 235

V

Vestibular 56, 61

Videoclipes 64, 66, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 76, 77, 233

Visualidade 149, 188

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 